

editorial

ESSENCIAL DO DEBATE E DEMAGOGIA

O debate entre deputados e Governo sobre o Plano e Orçamento para o que resta do ano corrente e as opções para 2021-24 esgotou o segundo dia cheio da vivacidade própria entre quem defende as virtudes dos documentos e quem só lhe encontra defeitos. Poucos serão os realistas, fora do pensamento dominante ou de quem se lhe opõe ferozmente, que se aperceberão que qualquer plano, qualquer orçamento que se proponha agora, radica num conjunto de pressupostos que podem não acontecer, tal a incerteza dos tempos que vivemos condicionados inapelavelmente pela pandemia, a não ser que consigamos vergá-la e aí as previsões podem ser mais certas. Se fôssemos Israel, isso podia acontecer, fruto da sua arte em terem posto o povo israelita à disposição da Pfizer, enquanto corpo de estudo avançado dos efeitos daquela vacina. Compraram a vacina a bom peso, têm um sistema de saúde bem organizado e, coincidência, um dos manda-chuvas da Pfizer é de origem israelita. Tudo junto soma que, neste momento, já quase 60% da população está vacinada e já ninguém usa máscara em espaços públicos. Mas não somos Israel, somos uma região ultraperiférica da União Europeia que, em teoria, apregoa que, ao abrigo do Tratado, regiões como a nossa deviam ser discriminadas positivamente no plano de distribuição de vacinas, mas, na prática,

atira o assunto das ultraperiferias para os respetivos países, que o mesmo é dizer... esqueçam. Do nosso lado, resta-nos olhar para os EUA e ver se, no âmbito das relações com a nossa diáspora, é possível desencantar umas centenas de milhares de vacinas para os açorianos. Não é tarefa fácil porque, mesmo à escala dos EUA, as vacinas estão muito procuradas porque terá sido acionado o "defense production act", ou seja, toda a produção das vacinas está controlado pelo governo federal e nenhuma vacina sai do seu território até que a população norte-americana esteja toda vacinada, o que poderá acontecer já em Junho. Mas há que tentar por todas as vias e quem sabe, se no meio, aparece alguém que dá uma ajuda. O que é que isto tem a ver com Plano e Orçamento para 2021? Tudo, na medida em que as suas previsões e respetivas execuções serão diferentes com os açorianos vacinados ou não, sendo determinante o quando atingiremos a imunidade de grupo. A economia regional vai comportar-se de maneira muito diferente se iniciarmos o Verão vacinados ou se isso só acontecer em Outubro. Normalmente documentos como o Plano e Orçamento não comportam Plano B, mas estamos convencidos que este devia ter. A discussão à volta é boa e saudável, mas neste caso, como dizia aquele treinador famoso, qualquer prognóstico, só no final do jogo. ❏

OSVALDO CABRAL [10]

À espera do Orçamento Retificativo

"Vamos ter, com toda a certeza, um orçamento rectificativo algures este ano..."

RUI ESPÍNOLA [10]

Realidade em vez de previsão inexecutável

"No que à ilha Terceira diz respeito, os documentos em análise espelham novidade em vez de estagnação..."

TIAGO LOPES [11]

...Serviço de Saúde em situação de alto risco

"O que seria necessário era melhorar a equidade, promover a saúde, colocando o cidadão no centro do sistema e reforçando a confiança..."

GILBERTO VIEIRA, PRESIDENTE DAS "CASAS AÇORIANAS"

"As características que distinguem os Açores não se perderam"

O proprietário da Quinta do Martelo e presidente da associação "Casas Açorianas" defende que a promoção do destino Açores deve começar já, ao mesmo tempo que se trava a batalha contra a pandemia.

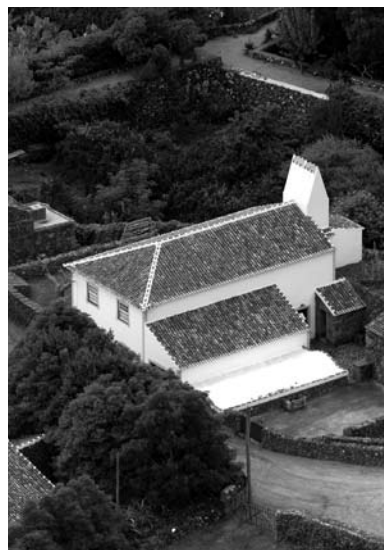
COMO PERSPETIVA A EVOLUÇÃO DO SETOR DO TURISMO NOS PRÓXIMOS TEMPOS NOS AÇORES?

A questão põe-se mesmo em termos de "próximos tempos". Segundo a minha opinião, vamos ter que lidar com tempos diferenciados, na tentativa de retomar a atividade turística nos Açores que, tinha atingido uma progressão assinalável até que a pandemia da Covid19 veio confirmar, dolorosamente, que, além da questão central, neste caso, que é a saúde e a vida, há situações imprevisíveis que não antecipamos e que podem mudar, de um momento para o outro, aquilo que era dado como adquirido. Neste contexto, o que entendo que poderá acontecer é irmos a ser confrontados com a necessidade de dar resposta, em tempos diferentes, nalguns casos, sendo que o primeiro desses tempos é, obviamente, enfrentar com o máximo de eficácia possível a questão sanitária, sem tréguas, desde logo para

salvaguarda da saúde e da vida da população açoriana e, subsequentemente, criar um clima de confiança que evidencie a Região como destino seguro. Outro tempo será o de consolidar a imagem de que o arquipélago já vinha beneficiando, pelas suas características únicas, no conjunto do mercado turístico mundial. E, na minha opinião, esse esforço deve começar já, dentro do que a situação sanitária indicie, uma vez que não são processos estanques e a visibilidade de um destino não se promove de um dia para outro. Um terceiro tempo será o de garantir que não se façam cedências naquilo que verdadeiramente nos distingue, tentação que poderá ser uma realidade, na ansia de recuperar de imediato o que a pandemia subtraiu nos negócios.

QUAL É O PONTO DE SITUAÇÃO NO SEGMENTO ESPECÍFICO DO TURISMO EM ESPAÇO RURAL?

A crise pandémica abateu-se estrondosamente, no que ao turismo diz respeito, sobre toda a atividade, do transporte ao alojamento, da restauração à animação, numa escala global, dizimando a eito negócios e estilos de vida. Esse macrocosmo reflete-se também no microcosmo que é a nossa Região. E dentro desses microcosmos, temos como referência o turismo rural e de natureza que sofreu igualmente, todas as consequências desta catástrofe, com agravantes derivadas da pequena dimensão dos empreendimentos. A nossa esperança é que, tal como foi no passado, seja reconhecido que este segmento do turismo nos Açores é o produto-âncora e alavanca da visibilidade do destino Açores, pela sua especificidade e autenticidade, elementos que



TURISMO RURAL Segmento merece "atenção especial", diz Gilberto Vieira

são extremamente atrativos junto de um cada vez maior número de entusiastas. Sem querer “puxar a brava à nossa sardinha” entendo ser justo e necessário haver uma atenção especial por parte das entidades oficiais para com o turismo rural e de natureza, com algumas unidades à beira da falência, no contexto atual, mas com potencial para voltarem a fazer parte do “motor-de-arranque” deste destino turístico único.

NUM MUNDO ABALADO PELA PANDEMIA, QUE VANTAGENS TÊM OS AÇORES EM TERMOS DE DESTINO TURÍSTICO?

Antes de mais, a própria realidade do arquipélago. As características que distinguem os Açores não se perderam. Só por si, é um atrativo de peso. Paisagem e contato com a natureza, tranquilidade, baixa poluição, vivências culturais e usufruto de saberes e sabores com tradição apurada, um mar imenso para disfrutar em diversas atividades, entre tantos outros componentes de vulto. Se a isto conseguirmos juntar um estatuto de Região limpa de Covid-19 ou, pelo menos, de muito baixa incidência de doença, creio que isso será uma vantagem decisiva.

COMO ENCARA QUESTÕES COMO O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO RESIDENCIAL, OFERECENDO QUALIDADE, SEGURANÇA ISOLAMENTO E TRANQUILIDADE A ESSE TIPO DE PÚBLICO?

Os Açores já têm alguma prevalência deste tipo de opção. São já centenas os estrangeiros, sobretudo, que adquirem casas em diversas ilhas e nelas se fixaram, pelo menos boa parte do ano. É, na minha opinião, um mercado com enorme margem de expansão, exatamente pelas características que enumerou na pergunta. Mais uma vez, são os atributos que caracterizam as vivências nestas ilhas que nos dão vantagem em relação a imensos locais do mundo. Pode-se dizer que não é, totalmente, uma atividade turística, mas tem impacto importante nas economias locais e no intercâmbio cultural.

QUAL É A ESTRATÉGIA DA ASSOCIAÇÃO CASAS AÇORIANAS NO MÉDIO PRAZO?

Começamos pelo presente. Ou melhor, por um passado recente. Ainda atordoados, percebemos a dimensão



GILBERTO VIEIRA Turismo rural e de natureza pode ser “motor-de-arranque” do destino Açores

catastrófica do coronavírus SARS-Cov-2, primeiro na expansão galopante em termos sanitários à escala global e, em consequência, na atividade turística, à mesma escala. Ausência de reservas, reservas canceladas, um mundo assustado que nos entrava em casa através dos meios de comunicação, foram sinal de alarme, a que tivemos que começar a dar resposta. Foi e é um tempo em que

nos preocupamos, essencialmente, em manter o entusiasmo pela nossa atividade junto de todos os associados, e de incentivar a manutenção das casas, com todas as suas características diferenciadoras, de modo a estarmos preparados para reentrar em atividade progressiva, logo que possível. Quero destacar a adesão generalizada dos nossos associados a esta ideia, em alguns casos com ex-

trema dificuldade por falta de meios, o mesmo se aplicando à Associação que, mesmo assim, manteve, com os poucos meios de que dispunha, presença em canais de comunicação, com informação que pode ser útil no futuro. Olhando a médio prazo, é imperativo começar, desde já, a intensificar o esforço de promoção, neste e noutros segmentos, para recuperarmos a visibilidade que paulatinamente fomos conquistando, e até reforçá-la com novos triunfos, dos quais a baixa ou nula prevalência de Covid19 nas nossas ilhas pode ser um deles. No caso das Casas Açorianas, estamos preparados para iniciar desde já esse processo. Mas, para isso, necessitamos de saber com que meios vamos contar. **di**

Turismo residencial tem espaço na região